

Internacionalização no Paraná: um olhar para a mobilidade acadêmica

Internationalization in Paraná state: a look at the academic mobility

Marcelo Stemposki Filho  

marcstemposki@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

Rosemary Irene Castañeda Zanette  

rczanette@hotmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

Resumo

Embora seja um processo que ocorre há muitos anos, a internacionalização do ensino superior intensificou-se nas últimas duas décadas devido ao avanço da globalização junto às tecnologias de comunicação. No cenário brasileiro, ela ganhou maior destaque na última década com a criação do Programa Ciências sem Fronteiras (CsF), o que contribuiu para que um número maior de instituições de ensino superior acelerasse suas agendas de internacionalização. Inserida neste contexto, a mobilidade é uma das principais atividades desse processo e promove uma interação cultural e cognitiva entre universidades e nações. Nos últimos anos, as universidades paranaenses destacaram-se em rankings sul-americanos e mundiais por adotarem práticas que visam à internacionalização das suas atividades. Inserido nesse contexto, este trabalho tem como objetivo investigar como a mobilidade é apresentada nos documentos oficiais das sete universidades estaduais paranaenses. Para atingirmos tal objetivo, guiamos-nos pelos estudos da internacionalização, como o de Knight (2004, 2012), De Wit (2015, 2019) e Finardi (2015); pela Terminologia de Krieger e Finatto (2020), Barros (2004), Barbosa (1998, 2004) e Faulstich (2001). A metodologia escolhida foi a Linguística de Corpus (BERBER-SARDINHA, 2004), utilizando-se o software Sketch Engine. O corpus de estudo é composto pelos documentos de política ou plano de internacionalização das instituições estaduais do Paraná. Após a análise, constatamos que o termo “mobilidade” ocorre como hiperônimo e seus hipônimos demonstram como ela é tratada nos documentos institucionais.

Palavras-chave

Internacionalização. Terminologia. Variação terminológica. Linguística de Corpus.

Abstract


Despite being a process that has been taking place for thousands of years, the internationalization of Higher Education has intensified in the last two decades due to the advance of globalization along communication technologies. In the Brazilian setting, it has gained greater prominence in the last decade with the creation of the Science without Borders program, which contributed to a greater number of Higher Education institutions to accelerate their internationalization agendas. Within this context, the mobility is one of the main modalities of this

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 31/05/2022

Aprovação do trabalho: 27/07/2022

Publicação do trabalho: 19/08/2022

 10.46230/2674-8266-14-8373

COMO CITAR

STEMPOSKI FILHO, Marcelo; ZANETTE, Rosemary Irene Castañeda. Internacionalização no Paraná: um olhar para a mobilidade acadêmica. *Revista Linguagem em Foco*, v.14, n.1, 2022. p. 95-114. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/8373>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

process and it promotes cultural and cognitive interaction between universities and nations. In recent years, universities in Paraná have stood out in internationalization rankings at the South American and world levels for adopting practices aimed at the internationalization of their activities. Inserted in this context, the following work aims to investigate how mobility is presented in the official documents of the seven state universities of Paraná. To achieve this objective, we are guided by internationalization studies such as Knight (2004; 2012), De Wit (2015; 2019) and Finardi (2015), in Krieger and Finatto's Terminology studies (2021), Barros (2004), Barbosa (1998; 2004) and Faulstich (2001). The methodology chosen was Corpus Linguistics (BERBER-SARDINHA, 2004) using Sketch Engine software. The study corpus is composed of internationalization plans or policies from the chosen institutions. After analyzing the corpus, we found that the term "mobility" occurs as a hyperonym and its hyponyms demonstrate how it is treated in official internationalization documents.

Keywords

Internationalization. Terminology. Terminological variation. Corpus Linguistics.

Introdução

Como reflexo da globalização cada vez mais avançada na última década, a internacionalização do ensino superior torna-se mais difundida entre países desenvolvidos e emergentes. Embora ela tenha existido desde períodos remotos da educação global, conquistou espaço mais evidente em meados da década de 1990 e início dos anos 2000, período no qual as tecnologias de comunicação pela internet tornaram-se mais acessíveis (KNIGHT, 2004).

No contexto da educação brasileira, a internacionalização ganhou maior destaque a partir de 2011 com a criação do programa Ciências Sem Fronteiras (CSF), no qual mais de 100 mil alunos receberam bolsas de "mobilidade acadêmica" para diversos países (FINARDI; PORCINO, 2015). Essa maior interação com instituições e governos estrangeiros demandou uma reestruturação dos setores e equipes em diversas universidades brasileiras. Como consequência, as instituições passaram a criar departamentos de relações internacionais e elaboraram documentos relativos às políticas linguísticas e aos planos ou políticas de internacionalização. Tais documentos são de grande importância para a universidade, uma vez que são diretrizes para as atividades desenvolvidas por sua equipe de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo investigar como a "mobilidade acadêmica" é apresentada nos documentos oficiais das universidades estaduais paranaenses, uma vez que ela se constitui como uma das principais atividades que promovem a internacionalização das instituições. Para tanto, será feita uma análise dos documentos de políticas ou planos de internacionalização das sete universidades estaduais do Paraná. Com isso, pretendemos identificar qual o direcionamento dado para esse processo, de acordo com as combinatórias

léxicas que têm “mobilidade” como núcleo.

O trabalho utiliza a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) postulada pela pesquisadora catalã Maria Teresa Cabré, na década de 1990. Em um primeiro momento o trabalho apresenta o contexto atual da internacionalização em uma escala global e local; em seguida, traz aspectos sobre a importância da Terminologia, base teórica deste trabalho, para seu escopo. A sessão seguinte apresentará os dados colhidos e seus resultados, utilizando a Linguística de Corpus como metodologia. Esperamos com este trabalho, através da análise terminológica dos documentos, contribuir para uma melhor compreensão sobre quais direcionamentos tais instituições pretendem atribuir à internacionalização.

1 Internacionalização do ensino superior no mundo contemporâneo

O mundo pós Guerra Fria testemunhou o avanço exponencial das tecnologias da informação e comunicação e o alvorecer de um mundo amplamente influenciado pelas redes sociais e aparelhos móveis. De Wit *et al.* (2015) apontam que a popularização do acesso à internet em países emergentes influenciou diretamente a maneira que a internacionalização do ensino superior é promovida, uma vez que tecnologias restritas ao uso militar e de custo elevado se tornaram comuns no cotidiano, tais como a internet de banda larga e o uso do *Global Positioning System* (GPS). Knight (2004) e De Wit (2019) ponderam que nos últimos anos a internacionalização passou a ser estratégica na educação superior, enfatizando o fato de que o mundo globalizado está cada vez mais enraizado no atual cenário mundial, através das diversas relações que se estabelecem entre os países.

O ambiente de cooperação entre nações e instituições de ensino reflete nas políticas de internacionalização adotadas por diversos governos desde o início da década de 1990. Programas bem-sucedidos iniciados na Europa, como o *European Community Action Scheme For The Mobility Of University Students* (ERASMUS) e o *Central European Exchange Programme for University Studies* (CEEPUS), somados ao incentivo dos governos de promoverem a internacionalização, demonstram como essa prática está cada vez mais consolidada perante o cenário global. Atualmente, esses programas desempenham uma frente de atuação que envolve estudantes, não apenas do continente europeu, como o caso do Erasmus+, que oferece bolsa de mobilidade estudantil ou docente para candidatos ao redor do mundo.

No contexto brasileiro, a internacionalização tomou maiores proporções

a partir da criação do Programa Ciências Sem Fronteiras (CsF), em 2011 (AMORIM; FINARDI, 2020). Embora tenha sido encerrado pelo Governo Federal, foi o primeiro grande passo que incentivou as universidades a promoverem diversas políticas de internacionalização com apoio das agências de fomento, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com nações e instituições parceiras.

O CsF se consolidou como o programa mais ambicioso já promovido visando à inserção da educação brasileira no cenário internacional. Teve como objetivo investir na formação de pessoal qualificado, incentivar a presença de pesquisadores e estudantes estrangeiros nas universidades brasileiras, além de promover melhor visibilidade da ciência local no contexto global (BRASIL, 2011). As ações promovidas pelo CsF demonstraram que a internacionalização é um processo que ocorre em todos os setores das universidades, sem ser necessariamente um fenômeno da sala de aula ou focado exclusivamente no aluno de “mobilidade acadêmica”.

Uma das consequências positivas desse programa foi a capacitação da equipe de diversas instituições brasileiras por meio de treinamentos e do refinamento de uma cultura de internacionalização que aos poucos foi se enraizando na estrutura das universidades. Para acompanhar o aumento acentuado de alunos e pesquisadores estrangeiros visitando universidades locais, muitas universidades reestruturaram departamentos ou criaram assessorias de relações internacionais.

Em outra frente de trabalho no contexto da internacionalização, o Programa Inglês sem Fronteiras (IsF) foi criado em 2012, com o apoio do MEC, objetivando sanar a lacuna linguística dos alunos brasileiros em relação à língua inglesa. O programa representou grande desenvolvimento da língua inglesa, colaborando para um avanço abrangente da internacionalização no Brasil (FINARDI; PORCINO, 2015). Foi um marco da inclusão de estudantes para o cenário de internacionalização ao promover cursos de inglês e o financiamento de testes de proficiência.

Devido ao sucesso das práticas de ensino da língua inglesa e à necessidade de ações semelhantes com outros idiomas, o programa passou a se chamar Idiomas sem Fronteiras (sob a mesma sigla IsF), ampliando a oferta de cursos de idiomas, incluindo alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e o ensino de português para estrangeiros. Atualmente, o programa está vinculado à Rede da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), e como Abreu-E-Lima *et al.* (2018) pontuam, é um grande exemplo de que uma política de internacio-

nalização que abrange diferentes frentes de trabalho pode gerar melhores resultados para a ciência nacional. Além disso, é um catalisador de futuras discussões que possam aperfeiçoar a internacionalização brasileira, no que se refere ao necessário conhecimento em línguas estrangeiras.

Após o fim do Programa Ciências Sem Fronteiras, em 2017, o foco da internacionalização no cenário brasileiro deixou de ser a “mobilidade acadêmica”, bem como tornou-se institucionalizado, com o viés de promover ações estruturais, documentais e locais (MOROSINI, 2018).

Devido a esse contexto, uma das primeiras ações tomadas por muitas universidades foi a elaboração de um plano ou de uma política de internacionalização. Esses documentos, aliados a uma política linguística, norteiam as ações a serem tomadas pelas instituições no que tange a esse processo, suas visões teóricas e ideológicas, além de elencar os seus principais objetivos.

Portanto, a internacionalização no mundo contemporâneo passou a ser vista não apenas como sinônimo de “mobilidade acadêmica”, mas como o processo em sua totalidade, suas etapas e diferentes modalidades de fomento (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012). Assim, os estudos a seu respeito abrangem olhar completo sobre a estrutura das universidades (equipe, documentação e departamentos) e sobre as ações a serem realizadas durante o processo (“mobilidade acadêmica”, internacionalização em casa, capacitação de pessoal e promoção da cultura global no *campus*), dentre outras.

Em se tratando do ensino superior na esfera pública, no estado do Paraná, foco deste artigo, é necessário compreender como ele é composto: é formado por sete universidades – Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual de Maringá (UEM); Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO); Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Juntas, essas universidades atuam em 26 municípios em seus *campi* e, segundo o último Censo Acadêmico aplicado pela Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI-PR), possuíam um total de 96.787 alunos (SETI, 2018)¹. Por serem IES estaduais, nenhuma está credenciada à rede IsF-ANDIFES, porém, a UEL, UEPG e a UNIOESTE contam com professores especialistas de idiomas credenciados (ANDIFES, 2021).

Ao realizar investigação documental sobre como essas instituições orga-

1 Compreendemos que os dados aqui expostos refletem uma realidade: devido à pandemia de Covid-19 podem ter sido alterados.

nizam-se para atingir resultados no âmbito da internacionalização, constata-se que todas as universidades estaduais paranaenses elaboraram política ou plano de internacionalização que foram atualizados no último quinquênio. Isso demonstra que as instituições estão buscando maior visibilidade no cenário global da educação por meio da organização institucional. Os documentos demonstram também que as ações são tomadas em várias frentes de trabalho, como, por exemplo, o Plano Estratégico de Internacionalização da Unicentro (2018), que visa adotar estratégias de internacionalização em seis eixos:

- i) articulação interinstitucional;
- ii) institucionalização da internacionalização;
- iii) internacionalização do currículo;
- iv) qualificação linguística;
- v) mobilidade discente, docente e administrativa;
- vi) internacionalização em casa.

Por se tratarem de documentos institucionais, os planos e políticas de internacionalização utilizam-se de textos nos quais há certo grau de especialização no vocabulário empregado, sendo necessária análise mais aprofundada dos usos, principalmente, dos termos relativos à internacionalização.

Logo, a relação entre a internacionalização e a Terminologia ocorre naturalmente com a compreensão de que a segunda pode auxiliar no desenvolvimento da primeira. A partir do exposto, no capítulo seguinte exploraremos os pressupostos teóricos que norteiam a Terminologia e sua aplicabilidade.

2 Terminologia e algumas questões recorrentes nos documentos de internacionalização

O cenário global no período da Guerra Fria trouxe também novas necessidades de comunicação. A polarização entre Estados Unidos e União Soviética não impediu o avanço da globalização, que foi amplamente impulsionado pelas novas tecnologias de comunicação e pela engenharia, ambas desenvolvidas em contexto bélico. O maior fluxo de informação entre as nações influenciaria ainda mais a tendência de que o mundo se tornasse massivamente globalizado. Nesse contexto, intensificou-se a necessidade de uma comunicação especializada mais eficaz. Como consequência, a Terminologia² consolida-se como uma ciência que

2 Para o escopo deste trabalho, adotamos a grafia de Terminologia com letra maiúscula para nos referirmos

busca tornar os processos mais céleres por meio de uma comunicação mais eficaz.

Desde sua origem como ciência formal na Áustria, em 1931, passando pelas evoluções das pesquisas, a interação com a informática e a evolução da visão de linguagem, a Terminologia demonstrou diversos vieses alicerçados pelas correntes teóricas desenvolvidas para servirem de diretriz no trabalho terminológico. Partindo da Teoria Geral da Terminologia, que postulava a unicidade do termo e o considerava de maneira isolada (BARROS, 2004), a evolução natural da área de estudos é que novos pesquisadores apontem suas críticas e soluções aos modelos teóricos anteriores.

Com o avanço dos estudos linguísticos nas décadas de 1980 e 1990, e das tecnologias da informação, um novo olhar teórico da Terminologia passou a se desenvolver. As críticas ao modelo engessado, altamente influenciado pelas práticas da engenharia, proposto por Wüster, aliadas às novas tendências de pesquisa, abriram espaço para uma nova teoria de estudo terminológico (ALMEIDA, 2003).

Influenciada por novos paradigmas dos estudos linguísticos e tecnologias de processamentos de dados, como a Linguística de Corpus (LC), a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) trouxe a tendência de incorporar os termos a partir de palavras que pertençam ao léxico de uma língua considerando-os em seu contexto e uso no texto especializado (CABRÉ, 2008). A interdisciplinaridade da Terminologia é levada em consideração, integrando-se seus aspectos linguísticos, cognitivos, comunicativos e semióticos (CABRÉ, 1999). Ao adotar uma visão poliédrica do termo, a TCT compreende que os termos podem apresentar relações de significado como sinonímia, paronímia, hiperonímia, dentre outras, em se tratando da mesma língua (BARBOSA, 1998), e que dois ou mais termos podem ser equivalentes, em relação a línguas distintas.

Consolida-se assim um dos princípios norteadores da TCT, que é a possibilidade da variação terminológica, ao passo que a terminologia de uma área de domínio é utilizada por uma comunidade cada vez maior, naturalmente surgem variações de seu uso. Isso corrobora o fato de que um conceito pode ser expresso por várias denominações que variam devido à situação geográfica, níveis de formalidade da língua, dentre outras. Portanto, sobre o princípio da variação, Cabré (1999) estabelece que um termo pode ocorrer em diferentes graus de variação,

à ciência que estuda os termos. Sua grafia em letra minúscula será utilizada para nos referirmos ao conjunto de termos especializados de uma determinada área de domínio, como Krieger e Finatto (2020) definem.

sendo o grau mínimo a terminologia normalizada (estabelecida por comissões), o grau intermediário (a comunicação natural entre especialistas) e o grau máximo (a difusão do termo fora da área de especialidade).

Tratar a unidade terminológica a partir de uma visão rígida de univocidade tem um viés purista, uma vez que a Terminologia surgiu com o objetivo de padronizar a comunicação especializada. Ainda considerando-se o que fora postulado pela TCT de Cabré (1999, 2008) a variação ocorre quando há o uso de denominações diferentes para o mesmo conceito ou conceitos distintos que são expressos pelo mesmo termo. Ela pode ser conceitual (quando há conceitos diferentes para uma única denominação) e variação denominativa (termos variantes atribuídos a um conceito em comum na mesma área de especialidade). Boulanger (1995) e Rousseau (1996) defendem que a variação terminológica pode ser compreendida como um fenômeno natural que deve ser levado em conta durante as pesquisas. Pressupondo a naturalidade com a qual a variação pode ocorrer na língua especializada, Freixa (2005) propõe, a partir de extensa análise, que a variação terminológica pode existir em seis grandes eixos: devido a causas prévias (possibilidades de variação da língua e redundância linguística, por exemplo), dialetais (variações diatópica, diastrática, diafásica e diacrônicas), funcionais (adequação ao nível de especialidade e da língua), discursivas (estilística), interlinguísticas (termos existentes em concorrência com empréstimos de língua estrangeiras) e cognitivas (diferenças ou imprecisões conceituais do termo).

A existência da variação nos estudos da Terminologia não exclui o objetivo central da disciplina, que é a padronização da comunicação especializada. Faulstich (2001) pontua que a normalização e a variação são fenômenos que coexistem na Terminologia, uma vez que o termo carrega marcas ideológicas, regionais e temporais que devem ser levadas em conta, assim como a relação entre os mesmos.

Por analisar o termo em seu contexto de uso, considerando-se todas as suas variações e algumas relações de significação encontradas no *corpus* de análise, a seguir demonstraremos a metodologia adotada para este estudo, bem como a análise dos dados coletados.

3 Metodologia e análise dos dados

A Linguística de Corpus foi escolhida como metodologia para este trabalho, uma vez que ela vai ao encontro dos pressupostos teóricos da TCT, a qual visa analisar o termo em seu contexto, os textos especializados. Para realização

da pesquisa terminológica foi utilizado o programa *Sketch Engine* em sua versão para navegador de internet. O software foi programado pelo engenheiro de software inglês Adam Kilgarriff e o tcheco Pavel Rychlý em 2003 e atualmente é um produto oferecido pela empresa *Lexical Computing LTDA*. (KILGARRIFF, *et al.*, 2014).

O *corpus* de estudo escolhido para este trabalho consiste nos documentos de plano ou políticas de internacionalização das sete universidades estaduais paranaenses, os quais são listados a seguir:

- a) Política de internacionalização da UNIOESTE (2017);
- b) Plano de internacionalização da pesquisa e da Pós-Graduação da UEL (2018)³;
- c) Plano estratégico de internacionalização da UNICENTRO (2018);
- d) Política de internacionalização da Unespar (2018);
- e) Política de internacionalização da UEM (2018);
- f) Plano de Desenvolvimento Institucional: Política de internacionalização da UENP (2018)⁴;
- g) Política de internacionalização da UEPG (2021);

Pela classificação de Berber-Sardinha (2004) o *corpus* de estudo é considerado pequeno (menos de 80 mil tokens). Como *corpus* de referência foi utilizado o *Portuguese Web 2011*, composto por aproximadamente 4,6 bilhões de *tokens* provenientes de textos coletados na internet a partir de 2011, contemplando as variantes europeia e brasileira da língua portuguesa (KILGARRIFF, *et al.*, 2014).

Dentre as ferramentas que o *Sketch Engine* oferece, destacam-se os *n-grams* e o *Terminology/Keyword extraction*, que foram amplamente utilizados para a realização desta pesquisa. A primeira funcionalidade cria um N-grama que consiste na lista de ocorrência de grupo de palavras repetidas ao longo do *corpus*. Já a segunda funcionalidade realiza a extração do vocabulário de especialidade localizado no *corpus* de estudo. Para realizar essa tarefa, o software compara os *tokens* mais frequentes em ambos os *corpora* de estudo e de referência. Caso

3 A UEL não dispõe de um documento específico de plano ou política de internacionalização. Tais informações encontram-se dentro do seu plano de internacionalização da pesquisa e da Pós-Graduação. Inclusive, a própria universidade aponta em sua análise *SWOT* que um dos seus pontos a serem melhorados é a elaboração de um documento separado que trate dos planos e políticas de internacionalização da instituição como um todo (UEL, 2018 p. 12).

4 A UENP não dispõe de um documento específico de plano ou política de internacionalização. Tais informações encontram-se disponíveis na sessão intitulada “Política de internacionalização da UENP”, localizada no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

uma palavra seja mais frequente no *corpus* de estudo, ela é uma candidata a termo. No escopo deste trabalho, foram extraídas 3.834 palavras-chaves candidatas a termo. Para uma análise mais precisa, foi aplicada uma *stoplist* (TAGNIN; BEVILACQUA, 2013) considerando-se apenas as palavras mais frequentes relacionadas à internacionalização. Portanto, foram excluídos termos como endereços, o próprio nome das instituições, nomes de disciplinas e de programas. Foram selecionados os 10 termos mais frequentes, os quais compõem a tabela abaixo:

Tabela 1 – Palavras-chaves do domínio da internacionalização mais frequentes nos documentos

Keyword	Freq.
INTERNACIONALIZAÇÃO	206
INTERNACIONAL	183
MOBILIDADE	58
COOPERAÇÃO	34
INTERCÂMBIO	24
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	21
CONVÊNIO	17
PARCERIA INTERNACIONAL	12
COTUTELA	11
INTERINSTITUCIONAL	7

Fonte: Elaborado pelos autores.

A tendência da nominalização característica desse tipo de texto é evidenciada, já que os 10 termos mais frequentes no *corpus* de estudo são substantivos ou adjetivos. Os dois mais frequentes são termos que situam os textos na área de domínio da internacionalização. Ao observar a tabela, evidencia-se quais são as tendências desse processo nas universidades parananenses, por meio do protagonismo da mobilidade, a cooperação entre instituições para garantir um avanço mútuo, a presença das línguas estrangeiras durante todos os processos e modalidades, e as maneiras de interações interinstitucionais, como a cotutela e os convênios.

Neste trabalho, realizamos discussão sobre “mobilidade”, uma vez que ela atrai muito a atenção de alunos e professores e protagoniza as ações de internacionalização adotadas por instituições ao redor do mundo. A seguir, analisaremos

a fundo sua presença no corpus e suas relações de significação, pontuadas por Barbosa (1998), como a composição de hipônimos que a utilizam como núcleo sintagmático. Por meio dessa análise, compreenderemos a mobilidade como termo no domínio da internacionalização e a maneira com a qual ela é tratada nos documentos das instituições paranaenses.

4 Algumas considerações sobre “mobilidade acadêmica”

O fluxo de estudantes que visam concluir um curso completo ou parte deste em instituições estrangeiras cresceu significativamente nas últimas décadas. Por mais que a prática esteja presente desde o período medieval na Europa e na Ásia, foi apenas nos últimos 30 anos que passou a ser analisada com mais atenção (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012).

A “mobilidade acadêmica” é apresentada de diversas formas na documentação acadêmica das instituições de ensino superior. O escritório subsidiário do Conselho Europeu de Educação na Inglaterra definiu que a “mobilidade” é qualquer forma de estudo que ocorra fora da universidade de origem do acadêmico, independentemente da duração ou propósito que pode ocorrer com a vinda ou a ida de alunos de maneira unilateral ou bilateral. Ela pode ocorrer durante todo o período do programa de estudos (mobilidade de diploma); como parte de um programa (mobilidade parcial ou de crédito); ou outras formas de voluntariado que podem ter como componente parcial a interação e intermédio de uma universidade estrangeira (BRITISH COUNCIL, 2004).

Com a evolução dos estudos na área da internacionalização, a “mobilidade acadêmica” passou a ser compreendida de maneira mais ampla, criando alguns termos novos que demonstram sua dinamicidade. Knight (2012) aponta como a internacionalização em casa e as novas práticas de ensino virtual apontam para novas práticas de mobilidade. A autora defende a existência de seis categorias de “mobilidade acadêmica”:

- a) programa completo em um país estrangeiro;
- b) experiências curtas de estudo como parte de um programa na sua própria instituição;
- c) programa de formação colaborativo entre duas ou mais instituições;
- d) pesquisa ou trabalho de campo;
- e) estágios e experiências práticas;
- f) visitas e oficinas acadêmicas.

Corroborando as ideias apresentadas por Knight (2012), Bhandari, Robles e Farrugia (2018) acrescentam que a mobilidade é um fenômeno que está tomando novas formas, estendendo-se além da mera definição de fluxo estudantil. Entende-se na atual concepção que ela pode ocorrer entre a equipe de trabalho da instituição (professores, coordenação e equipe administrativa), de maneira virtual, ou envolvendo empresas privadas junto à instituição e alunos. Toda essa interação tem como objetivo o desenvolvimento mútuo que se estabelece baseado em uma cooperação que pode acarretar parcerias comerciais e vínculos educacionais (KNIGHT, 2012).

Nos documentos analisados no *corpus* de estudo deste trabalho, a “mobilidade” é um dos dez termos mais recorrentes. Ao desconsiderar os termos que constituem o tema da área de estudos (“Internacional” e “Internacionalização”), a mobilidade é o mais frequente. Tal posição evidencia que essa ainda é uma das ações de internacionalização mais discutidas e presentes nos planos das universidades paranaenses.

No levantamento realizado, dentre os termos encontrados, por ser um dos protagonistas do *corpus* de estudo, a “mobilidade” apresenta-se como um hiperônimo para diversos subtipos registrados nos documentos estudados. Essa relação ocorre quando há dois significantes “em relação de oposição transitiva, todos subordinados a um significado mais extensivo” (BARBOSA, 1998, p. 21).

Partindo do termo “mobilidade” como núcleo, obtém-se um conjunto de termos hipônimos que correspondem a maneiras específicas de promovê-la. Categorizamos a “mobilidade”, conforme pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 2: Hipônimos do termo “mobilidade acadêmica”

Hiperônimo	Hipônimo	Frequência no <i>corpus</i>
Mobilidade acadêmica	Mobilidade internacional	14
	Mobilidade docente	12
	Mobilidade discente	10
	Mobilidade estudantil	6
	Mobilidade nacional	4
	Mobilidade de agentes universitários	3
	Mobilidade administrativa	2
	Mobilidade virtual	2
	Mobilidade curta	1
	Mobilidade física	1
	Mobilidade de professores	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observando-se os termos formados a partir de “mobilidade”, conforme a tabela anterior, propusemos uma categorização e apresentamos a seguir breve discussão sobre cada termo. Assim, elencamos as seguintes categorias quanto a:

a) Natureza: há a ocorrência do termo “mobilidade acadêmica” no *corpus* de estudo, que é utilizado como sinônimo para “mobilidade” e para reforçar o contexto ao qual se refere, ou seja, o universitário. Como observamos no exemplo do *corpus* “incentivar a expansão dos programas de *mobilidade acadêmica* com envio e recepção de docentes, agentes universitários e estudantes de graduação e pós-graduação para e de instituições internacionais parceiras” (UNESPAR, 2018, p. 10, grifo nosso). Observa-se no exemplo que a “mobilidade acadêmica” é bem abrangente por considerar também os agentes universitários (que apresentam sua nomenclatura específica, como veremos a seguir), além dos estudantes, possibilitando outras formas de interação interinstitucional como pesquisas ou parcerias.

b) países envolvidos: durante a pesquisa no *corpus* encontramos os termos “mobilidade internacional” e “mobilidade nacional”. O primeiro termo apresenta-se como a oportunidade que os alunos têm de realizar parte dos estudos em uma instituição estrangeira. “A *mobilidade internacional* de pessoas qualificadas em ambos os sentidos (do/para o país) é uma das estratégias de internacionalização mais utilizadas entre as Instituições de Ensino Superior em todo o mundo” (UEL, 2018, p. 18, grifo nosso).

Enquanto o termo mobilidade carrega em seu significado a ideia de troca entre alunos de diferentes instituições, é mais frequente e direta a associação de que ocorra entre instituições de diferentes países. A “mobilidade nacional” ocorre entre instituições do próprio país de maneira igual à internacional. Os documentos evidenciam a separação mencionada acima, como observamos no exemplo: “Buscamos criar o Programa ‘Amigos da UENP’, por meio do cadastro de pessoas interessadas em hospedar alunos e professores em *mobilidade nacional* e/ou internacional.” (UENP, 2018, p. 3, grifo nosso).

c) Indivíduos envolvidos: nos documentos pesquisados, há também a ocorrência dos termos que denotam a tipologia da mobilidade de acordo com as pessoas envolvidas no seu processo. São eles: “mobilidade estudantil”, “mobilidade discente”, “mobilidade docente”, “mobilidade de professores”, “mobilidade de agentes universitários” e “mobilidade administrativa”.

A “mobilidade docente” reforça a ideia de que essa modalidade da internacionalização não envolve apenas os estudantes da instituição, o termo ocorre com o objetivo de especificar as ações de mobilidade que são realizadas por seus professores.

Já no *corpus* de estudo, a “mobilidade discente” é utilizada para especificar aquela que ocorre entre estudantes das instituições de ensino superior, podendo ocorrer como co-hipônimo de “mobilidade estudantil”. Esta, por sua vez, refere-se ao processo de interação de um aluno matriculado na instituição local com outra instituição (seja brasileira ou internacional), por um período de tempo no qual esse aluno desempenhará suas atividades discentes com o intuito de regressar à sua universidade de origem após o fim do seu período. Temos como exemplo do *corpus*: “...adequar a lógica da mensuração na avaliação acadêmica ao que é praticado em outros países, contribuindo para a *mobilidade estudantil*” (UNICENTRO, 2018, p. 5, grifo nosso).

A “mobilidade de agentes universitários” envolve os agentes universitários lotados para trabalhar na instituição participante do programa. O agente universitário é um cargo de nível médio ou superior que desempenha funções singulares e multiocupacionais. Auxilia na administração predial, supervisiona documentações, entre outros ofícios de caráter técnico e administrativo. No Paraná, a profissão é regida pela Lei 17.382 de 6 de dezembro de 2012 (PARANÁ, 2012).

Similar ao termo mencionado, “mobilidade administrativa”, utiliza-se a antiga nomenclatura da carreira. Antes da Lei Estadual nº 15.050 de 12 de dezembro de 2006 (PARANÁ, 2006) esse profissional compunha o grupo “pessoal técnico-administrativo”. As frequências estão equilibradas, mas acreditamos que o primeiro termo terá mais uso nos documentos recentes devido à atualização da denominação da categoria.

O termo “mobilidade de professores” ocorre em sinonímia com o termo “mobilidade docente”, sendo considerados co-hipônimos, como podemos observar no exemplo do *corpus*:

Compreende-se por dimensão internacional o intercâmbio de conhecimentos; a criação de redes colaborativas com instituições congêneres no exterior e no país; a *mobilidade de professores*, agentes universitários e estudantes; e os programas e projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura internacionais (UNESPAR, 2018, p. 6, grifo nosso).

A substituição do termo por “mobilidade docente” apresenta o mesmo significado, pois ambos os termos carregam em seu semema a figura do professor. Por ser um termo com uma ocorrência apenas no *corpus* ele pode ser um termo que não se consolidou no uso.

d) Ambiente em que ocorre: considerando a atual dinâmica da tecnologia que apresenta ambientes virtuais avançados e com a possibilidade de comunicação instantânea, o *corpus* apresenta os termos “mobilidade física” e “mobilidade

virtual”. A “mobilidade física” ocorre de maneira presencial na instituição de chegada (seja ela nacional ou internacional). Pode ocorrer entre docentes, discentes e agentes universitários como podemos observar no excerto a seguir: “O ERI tem como objetivo promover a mobilidade física e virtual de professores, agentes universitários e estudantes” (UNESPAR, 2018, p. 5).

Por outro lado, a “mobilidade virtual” ocorre a distância, por meio de metodologias e ferramentas eletrônicas, como a internet. Ela é considerada uma das modalidades de internacionalização em casa como pontuam as políticas de internacionalização da Unespar:

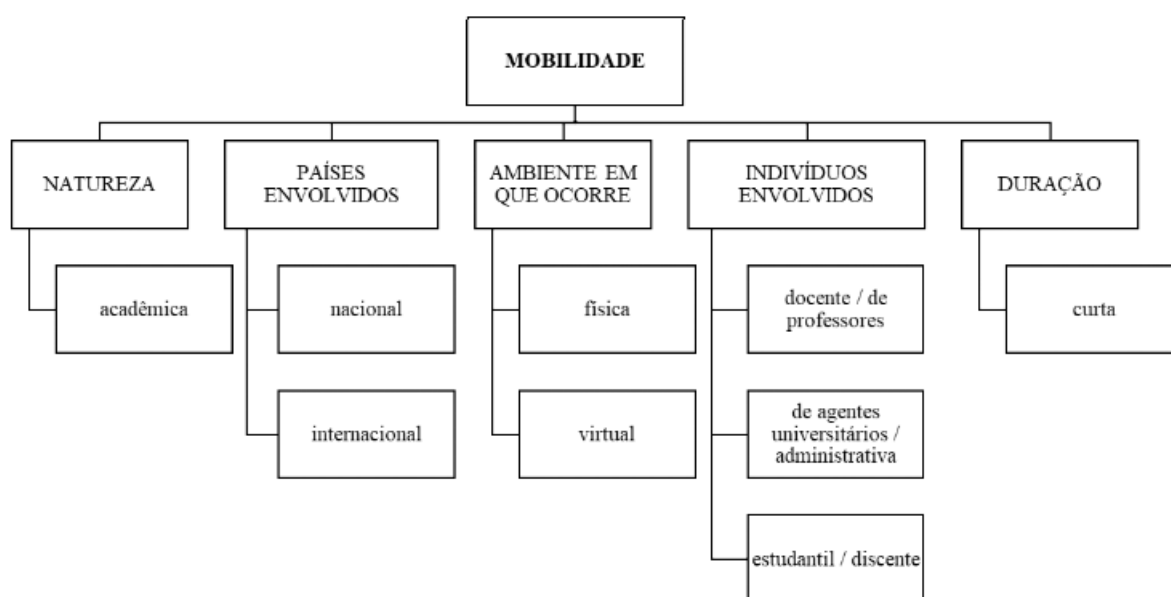
São consideradas modalidades de internacionalização:

§1º internacionalização em casa:

- i. mobilidade virtual;
- ii. cooperação científica a distância;
- iii. disciplinas ofertadas e cursadas em idioma estrangeiro;
- iv. ensino/aprendizado Internacional Colaborativo entre docentes e/ou disciplinas (UNESPAR, 2018, p. 4).

e) Duração: encontramos no *corpus* a ocorrência do termo “mobilidade curta” que é utilizado para descrever aquela que ocorre em um espaço de tempo de 15 a 90 dias e pode envolver professores ou alunos (UEPG, 2018). Utilizando-se como base os modelos de relações de significação de Barbosa (1998, 2004), temos a seguinte rede e hierarquia partindo do hiperônimo “mobilidade” e seus hipônimos:

Figura 1: Classificação da "mobilidade acadêmica"



Fonte: Elaborado pelos autores.

A hierarquia apresentada possibilita a formação de diversas combinações léxicas subordinadas ao semema de “mobilidade”, como o próprio *corpus* apresenta, o termo “mobilidade internacional discente”. A terminologia da área necessita acompanhar a evolução da mobilidade por meio de novas relações de significação e a adoção de novos termos. O atual *status* das tecnologias de redes sociais e internet promovem novas interações que influenciam diretamente a maneira que as instituições conduzem seus processos de internacionalização. Termos como a “mobilidade virtual”, por exemplo, são reflexos dessa tendência. É evidente que o cenário da pandemia de Covid-19 contribuiu para as mudanças da terminologia da internacionalização. Devido ao isolamento social e às restrições sanitárias, houve maior fluxo de mobilidade virtual e conseqüentemente a frequência desse termo tende a ser maior.

Considerações finais

A internacionalização das instituições de ensino superior apresenta uma dinâmica que nas últimas três décadas pavimentou o caminho para as novas tendências educacionais do século XXI. A ideia de uma universidade isolada em seu país ou região deu lugar a um ideal de cooperação e uma rede de integração que se tornou cada vez mais forte devido aos avanços da tecnologia de comunicação e do novo paradigma da globalização. No Brasil, esse processo ganhou maior notoriedade no início da década passada, fazendo com que as universidades brasileiras elaborassem todo um plano para implantar os processos inerentes à internacionalização.

No âmbito paranaense, todas as universidades estaduais organizaram Assessorias de Relações Internacionais e elaboraram algum documento que demonstrasse quais são os planos de ação e políticas perante a internacionalização. Embora haja diretrizes que devem ser seguidas, isso não significa que estão totalmente em prática. É importante salientarmos que em toda a comunicação, oral ou escrita, a compreensão de termos a respeito da internacionalização e seu uso correto, nesse caso em textos escritos, são de extrema relevância para que as ações sejam efetivamente realizadas. Ainda percebemos que há poucos trabalhos terminológicos que oferecem tal suporte.

Nesse contexto, podemos destacar algumas pesquisas como o Glossário Terminológico da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)⁵, elaborado por Pascua Vílchez (2019), que conta com os termos utilizados na

5 O Glossário pode ser acessado no link: <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/glossario-terminologico-da-unila>

universidade, sua definição e equivalência em espanhol. Na área da língua inglesa, temos a dissertação de Boveto (2022), que discutiu os termos da estrutura das universidades estaduais paranaenses e suas possíveis equivalências em língua inglesa. Ambos foram produzidos sob a ótica da TCT e utilizando a Linguística de Corpus.

No entanto, há muito ainda a se fazer no âmbito terminológico para acompanhar o caminhar da internacionalização no país. No presente trabalho, o foco é um atual protagonista desse processo, ou seja, a “mobilidade acadêmica”, tema tratado com aprofundamento, trazendo antigas e novas práticas.

Ao examinar as ocorrências do termo “mobilidade acadêmica” e de diversos termos originados a partir dele nos documentos de políticas ou planos de internacionalização das sete universidades paranaenses, pode-se constatar que ela ocorre de maneira diversa, ampliando-se a todos os membros da comunidade acadêmica (alunos, professores e agentes universitários). Dentre as inovações encontradas no *corpus* podemos destacar que o uso dos termos “mobilidade de agentes universitários” ou “mobilidade administrativa” são exemplos que podem evidenciar como as universidades paranaenses buscam treinar o seu pessoal com vivências e oportunidades internacionais. Ao abordar a “mobilidade acadêmica” ocorrendo de maneira virtual ou física, as instituições abrem uma plethora de possibilidades para promover a internacionalização em casa utilizando os ambientes virtuais e redes sociais. A relação entre universidades brasileiras também é levada em conta, uma vez que os documentos citam a possibilidade da “mobilidade nacional” ocorrendo da mesma maneira que a já comumente explorada “mobilidade internacional”.

Por fim, este trabalho foi realizado com o intuito de preencher a lacuna de pesquisas terminológicas na área de internacionalização do Paraná. Nesse sentido, a “mobilidade acadêmica” é uma das principais ações de internacionalização promovidas pelas universidades brasileiras e ao verificarmos de maneira mais aprofundada a ocorrência do termo nos documentos institucionais, contribuimos para futuras pesquisas que também visem aperfeiçoar a comunicação institucional. Finalizamos ressaltando a importância de pesquisas como esta que, por meio da Terminologia, contribuem para melhor visibilidade da ciência e da universidade brasileira no cenário internacional.

Referências

ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B.; BARBOSA, W. J. C.; BLUM, A. S. O Programa Inglês sem Fronteiras e a política de incentivo à internacionalização do ensino superior brasileiro. In: SARMENTO, S.; ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B. (orgs.). **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2018.

ALMEIDA, G. M. de B. *O percurso da Terminologia: de atividade prática à Consolidação de uma disciplina autônoma*. **Tradterm**, São Paulo, v. 9, p. 211-222, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49087>. Acesso em: 5 jul. 2022.

AMORIM, G. B.; FINARDI, K. R. *Uma matriz de (auto)avaliação da internacionalização do ensino superior no Brasil*. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 31, n. 78, p. 699-722, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/ae/article/view/7381/4119>. Acesso em: 5 jul. 2022.

ANDIFES - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. **Relatório de Credenciamento de Especialistas de Idiomas – 2021**. Brasília: ANDIFES, 2021. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Especialistas-Credenciados_2021.pdf. Acesso em: 5 jul. 2022.

BARBOSA, M. A. Relações de significação nas unidades lexicais. In: I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPOLL, 1998, p. 19-40.

BARBOSA, M. A. *Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico*. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 4, n.1, p. 55-86, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982004000100006>. Acesso em: 5 jul. 2022.

BARROS, L. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BHANDARI, R.; ROBLES, C.; FARRUGIA, C. **International Higher Education: Shifting Mobilities, Policy Challenges, And New Initiatives**. Nova Iorque: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://www.gcedclearinghouse.org/resources/international-higher-education-shifting-mobilities-policy-challenges-and-new-initiatives?language=en>. Acesso em: 5 jul. 2022.

BOULANGER, J. C. *Présentation: images et parcours de la socioterminologie*. **Meta**, v. 40, n. 2, p. 194-205, jun. 1995. DOI: <https://doi.org/10.7202/002117ar>. Acesso em: 5 jul. 2022.

BOVETO, A. C. F. **Universidade e terminologia: equivalências em língua inglesa de termos sobre a estrutura das instituições**. 2022. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR, 2022.

BRASIL. **Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm. Acesso em: 5 jul. 2022.

BRITISH COUNCIL. **International Student Mobility Report**. Dundee: University of Dundee, 2004.

CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación – elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CABRÉ, M. T. “El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lin-

guístico en terminología". **Ibérica**, v. 16, p. 9-36, 2008. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2773163>. Acesso em: 5 jul. 2022.

DE WIT, H.; HUNTER F.; HOWARD L.; EGRON-POLAK E. **Internationalisation of Higher Education**, European Parliament, Bruxelas: União Européia, 2015.

DE WIT, H. Internationalization in higher education, a critical review. **Educational Review**, Burnaby, v. 12, n. 3, p. 9-17, 2019. Disponível em: <https://journals.lib.sfu.ca/index.php/sfuer/article/view/1036>. Acesso: 5 jul. 2022.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Tradterm**, v. 7, p. 11-40, 2001. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49140. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140>. Acesso em: 8 maio. 2022.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. O papel do inglês na formação e na internacionalização da educação no Brasil. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 1, p. 109-134, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/1391/1227>. Acesso em: 5 jul. 2022.

FREIXA, J. Variación terminológica: ¿Por qué y para qué? **Meta**, v. 50, n. 4, 2005. DOI: <https://doi.org/10.7202/019917ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2005-v50-n4-meta1024/019917ar.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2022.

KILGARRIFF, A. *et al.* The Sketch Engine: ten years on. **Lexicography: journal of ASIALEX**, Reino Unido, p. 7-36, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40607-014-0009-9>. Acesso em: 8 maio 2022.

KNIGHT, J. Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004. DOI: 10.1177/1028315303260832. Disponível em: <http://www.theglobalclass.org/uploads/2/1/5/0/21504478/rationale.pdf>. Acesso em: 8 maio 2022.

KNIGHT, J. Student Mobility and Internationalization: trends and tribulations. **Research in Comparative and International Education**, v. 7, n. 1. p. 20 – 33, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.2304/rcie.2012.7.1.20>. Acesso em: 8 maio 2022.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria & prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MOROSINI, M. Internacionalização do currículo: a produção em organismos internacionais. **Roteiro**, v. 43, n. 1, p. 115-132, 2018. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/13090/pdf>. Acesso em: 5 jul. 2022.

PARANÁ. **Lei estadual nº 15.050 de 12 de dezembro de 2006**. Altera as normativas da profissão de pessoal técnico-administrativo nas universidades estaduais. Curitiba: Assembleia Legislativa Estadual, 2006.

PARANÁ. **Lei 17382 de 6 de dezembro de 2012**. Regulamenta o cargo de agente universitário no Paraná. Curitiba: Assembleia Legislativa Estadual, 2012.

PASCUA VILCHEZ, F. **Glossário Terminológico da UNILA**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2019.

ROUSSEAU, L.-J. Terminologie et aménagement linguistique. In: **Jornada panlatina de terminologia**: perspectives i camps d'aplicació. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1996.

SANTOS, F. S; ALMEIDA FILHO, N. **A Quarta missão da universidade**: Internacionalização uni-

versitária na sociedade do conhecimento. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR – SETI. **Censo do Ensino Superior**. Curitiba, SETI, 2018. Disponível em: https://www.seti.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-09/censo_ensino_superior_2018.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. (Org). **Corpora na Terminologia**. São Paulo: Hub Editorial, 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Plano de Internacionalização da Pesquisa e Pós-Graduação: Estratégia 2018 – 2022**. Londrina: UEL, 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Política Institucional de Internacionalização da Universidade Estadual de Maringá**. Maringá: UEM, 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. **Política de Internacionalização 2021-2024**. Ponta Grossa: UEPG, 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ. RESOLUÇÃO CEPE 10/2018 – Aprova o Plano Estratégico de Internacionalização da UNICENTRO. Guarapuava: Unicentro, 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. **RESOLUÇÃO COU 134/2017** – Aprova a Política de Internacionalização da Unioeste. Cascavel: Unioeste, 2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. **RESOLUÇÃO COU/UNESPAR 001/2018** – Estabelece a Política Institucional de Internacionalização da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. Paranaíba: UNESPAR, 2018.

Sobre os autores

Marcelo Stemposki Filho - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel – PR. E-mail: marcstemposki@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6519954980146188> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9859-9717>

Rosemary Irene Castañeda Zanette - Pós-Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel – PR. E-mail: rczanette@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6872517511586240>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0192-4702>.